

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

João Pedro Badiani Gibier de Souza

AS ORIGENS DO HUMANISMO E SUA IMPORTÂNCIA NO ADVENTO DA MODERNIDADE

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Luiz Flávio Neubert

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **JOÃO PEDRO BDIANI GIBIER DE SOUZA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202372030A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **AS ORIGENS DO HUMANISMO E SUA IMPORTÂNCIA NO ADVENTO DA MODERNIDADE**, desenvolvido durante o período de 2025/1 a 2025/2 sob a orientação de LUIZ FLÁVIO NEUBERT, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 14 de agosto de 2025.

JOÃO PEDRO BDIANI GIBIER DE SOUZA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

AS ORIGENS DO HUMANISMO E SUA IMPORTÂNCIA NO ADVENTO DA MODERNIDADE

João Pedro Badiani Gibier de Souza¹

RESUMO

Este artigo explora as origens do humanismo e sua importância no advento da modernidade, com base em uma revisão bibliográfica centrada no livro *A Virada: O Nascimento do Mundo Moderno*, de Stephen Greenblatt, complementada por *O Outono da Idade Média*, de Johan Huizinga. O problema central reside na perda e redescoberta do conhecimento antigo, particularmente o poema *De Rerum Natura* de Tito Lucrécio Caro, que atuou como catalisador para uma transformação intelectual. O objetivo é traçar como o humanismo, impulsionado pela recuperação de textos clássicos, desafiou o pensamento medieval e pavimentou o caminho para avanços em arte, ciência e na sociedade. A metodologia adotada é uma revisão bibliográfica simples, analisando o conteúdo dos textos e fontes interpretativas para destacar o contraste entre o mundo medieval e o renascentista. Os resultados indicam que ideias epicuristas, como o atomismo e a busca pela tranquilidade, influenciaram figuras como Poggio Bracciolini, Giordano Bruno e Thomas More, promovendo um desvio (*clinamen*) rumo à modernidade, com ênfase na razão, no prazer terrestre e na crítica à autoridade religiosa. A comparação com Huizinga reforça como o humanismo emergiu em resposta à exaustão cultural medieval, marcada por emocionalismo intenso, simbolismo rígido e obsessão pela morte, oferecendo uma nova visão centrada na beleza no mundo e na razão..

PALAVRAS-CHAVE: Humanismo, Lucrécio, Redescoberta, Modernidade, Atomismo.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Luiz Flávio Neubert

1. INTRODUÇÃO

A existência humana contemporânea, caracterizada por conforto, segurança e complexidade tecnológica, parece ser a condição padrão da nossa espécie. Contudo, essa percepção é uma ilusão. A vida como a conhecemos é uma profunda anomalia, representando menos de 0,001% da história humana. Durante mais de 99,99% do nosso tempo na Terra, a existência foi uma luta diária pela sobrevivência, em um mundo que nossa espécie, *Homo sapiens*, partilhava com pelo menos seis outras espécies humanas². A ascensão de nossa espécie a uma posição de domínio planetário não se deve à superioridade física pois somos mais fracos e lentos que muitos animais, mas a uma capacidade única: a cooperação flexível em grande escala.

Essa cooperação foi possibilitada por uma revolução cognitiva, ocorrida há cerca de 70.000 anos, que nos proporcionou um cérebro multifuncional e, crucialmente, uma linguagem avançada. Diferente da comunicação rígida de outros animais sociais, como abelhas ou lobos, a linguagem humana permite compartilhar informações com um nível de detalhe e abstração sem precedentes. Essa capacidade de comunicar ideias complexas, incluindo conceitos sobre o que não é imediatamente visível como o passado, o futuro, entidades espirituais etc. tornou-se nossa verdadeira superpotência. Ela possibilitou a criação de narrativas, mitos e sistemas de crenças compartilhados: as ficções que, ao serem aceitas coletivamente, formam a base para a ordem social, desde tribos à impérios. Essas narrativas compartilhadas são o *software* que, rodando em nosso *hardware* biológico ancestral, permitiram a acumulação de conhecimento e o surgimento de civilizações. Como observa Ingold, a distinção entre a humanidade como espécie e como condição oposta à animalidade reflete uma tensão inerente no pensamento ocidental, onde o humano é definido não apenas pela biologia, mas pela capacidade de transcender a mera animalidade através da cultura e da razão [Ingold, 2004 p. 6].

Durante a Idade Média europeia, uma dessas ficções compartilhadas tornou-se hegemônica: uma cosmovisão teocêntrica, na qual a vida terrena era vista como um prelúdio transitório para um além de recompensas ou punições eternas. Essa visão moldou profundamente a sociedade, desde a arte sacra até as estruturas políticas, centrando-se na salvação espiritual e na submissão à autoridade divina e eclesiástica. A vida era permeada por um emocionalismo intenso e uma obsessão pela morte, onde rituais públicos, como procissões e sermões, reforçavam o medo da danação eterna [Huizinga, 1996, p. 98]. Nesse contexto, um evento aparentemente menor provocou uma profunda "virada" intelectual. Em 1417, o humanista Poggio Bracciolini redescobriu o poema filosófico *De Rerum Natura*, de Tito Lucrecio Caro, um texto que continha uma potente contra-narrativa à ficção dominante. O poema articula uma visão de mundo materialista, na qual o universo era composto de átomos e vazio, a alma era mortal e o objetivo da vida era a busca da felicidade terrena.

Este trabalho analisa, com base na obra *A Virada: O Nascimento do Mundo Moderno* de Stephen Greenblatt, vencedora do Pulitzer em 2013, como a reintrodução

² A análise sobre a anomalia da vida moderna e a coexistência de múltiplas espécies humanas é amplamente baseada em Yuval Noah Harari em **Sapiens: Uma Breve História da Humanidade**. Harari argumenta que, durante a maior parte da nossa história, o *Homo sapiens* foi uma espécie animal insignificante e que, há cerca de 100.000 anos, pelo menos seis espécies humanas habitavam a Terra simultaneamente. Ele postula que a ascensão dos sapiens se deu através da Revolução Cognitiva, que permitiu a criação de "realidades imaginadas" ou "ficções" como deuses, nações e leis que possibilitam a cooperação flexível entre um grande número de indivíduos. Essa capacidade, e não a força física, é o que Harari identifica como o fator decisivo para o domínio planetário de nossa espécie.

dessa narrativa materialista atuou como um catalisador fundamental para o humanismo e, por conseguinte, para o advento da modernidade. Argumenta-se que a redescoberta de Lucrecio não apenas recuperou um texto clássico, mas reabasteceu o imaginário europeu com uma forma de pensar que desafiava a base da ordem social e intelectual vigente, abrindo caminho para novas concepções de arte, ciência e política que viriam a definir o mundo moderno. A comparação com *O Outono da Idade Média* de Johan Huizinga enriquece essa análise, destacando o contraste entre uma cultura medieval saturada de emocionalismo intenso e simbolismo rígido [Huizinga, 1996 p. 7], e o humanismo que promoveu uma apreciação da beleza terrena [Huizinga, 1996 p. 249]. A análise de Greenblatt, que destaca o impacto catalisador da redescoberta de Lucrecio, é complementada pela obra de Huizinga, que diagnostica o esgotamento cultural do final da Idade Média. Huizinga detalha uma sociedade cujas estruturas de pensamento estavam enrijecidas em rituais e simbolismos que já não possuíam sua força original, tornando-a um terreno fértil para uma nova visão de mundo.

O tipo de estudo é investigativo histórico, com objetivos de: (i) mapear a perda do conhecimento antigo e os fatores que contribuíram para sua quase extinção; (ii) analisar o papel do humanismo na recuperação desse conhecimento, com ênfase no trabalho de Poggio Bracciolini; (iii) discutir o impacto das ideias de Lucrecio na modernidade, incluindo comparações com a análise de Huizinga sobre a cultura medieval tardia. A justificativa reside na compreensão de como ideias aparentemente perdidas podem ressurgir e alterar paradigmas culturais, científicos e sociais, um processo relevante tanto para a história quanto para reflexões contemporâneas sobre a preservação do conhecimento. A metodologia é uma revisão bibliográfica simples, baseada em fontes secundárias interpretativas. As hipóteses incluem que o humanismo fomentou a crítica à autoridade religiosa, promoveu valores como a busca pelo prazer racional e pavimentou o caminho para a ciência moderna ao reintroduzir o atomismo e o materialismo. O artigo está organizado em: introdução, desenvolvimento (com subseções sobre a perda do conhecimento, o papel dos mosteiros, o surgimento do humanismo, a redescoberta de Lucrecio, suas ideias radicais e o impacto comparado à visão de Huizinga), considerações finais e referências.

2.1. O GRANDE DESAPARECIMENTO E A SOBREVIVÊNCIA DO SABER

A redescoberta de *De Rerum Natura* por Poggio Bracciolini em 1417 é um marco que só pode ser plenamente compreendido quando se considera a vasta perda de conhecimento que a precedeu. A Roma Antiga era um centro de efervescência intelectual, com uma cultura literária vibrante sustentada por cerca de 28 bibliotecas públicas e inúmeras coleções particulares, abrigando dezenas de milhares de rolos de papiro [Greenblatt, 2012, p. 84]. Essas bibliotecas, como a de Alexandria, eram repositórios de conhecimento que incluíam obras filosóficas, científicas e literárias de figuras como Platão, Aristóteles, Epicuro e Lucrécio. Contudo, esse vasto acervo sofreu o que Greenblatt chama de "Grande Desaparecimento" [Greenblatt, 2012, p. 86], um processo devastador que quase apagou o legado intelectual da Antiguidade.

As causas desse desaparecimento foram múltiplas e interconectadas. Primeiro, havia fatores materiais: o papiro, principal suporte de escrita, era frágil e suscetível à deterioração por umidade, calor e insetos como as traças [Greenblatt, 2012, p. 87]. Além disso, as tintas usadas frequentemente desbotavam, tornando os textos ilegíveis ao longo do tempo. No entanto, os fatores humanos foram ainda mais decisivos. O colapso do Império Romano do Ocidente em 476 d.C. marcou o início de um período de instabilidade política, econômica e cultural. As invasões bárbaras, a urbanização em declínio e a fragmentação do poder central levaram ao abandono das infraestruturas culturais, incluindo as bibliotecas. O historiador Amiano Marcelino descreveu essas bibliotecas como "fechadas para sempre como túmulos" [Greenblatt, 2012, p. 87], refletindo a indiferença cultural que se seguiu ao colapso imperial.

A ascensão do cristianismo como religião dominante no Império Romano tardio também desempenhou um papel significativo. Embora o cristianismo tenha preservado alguns textos clássicos, muitas vezes por razões utilitárias, a ideologia cristã era frequentemente hostil ao conhecimento pagão, que era percebido como uma ameaça à doutrina da salvação. Figuras influentes como São Jerônimo, um dos Pais da Igreja, expressaram essa tensão em sua própria vida intelectual. Jerônimo relatou um sonho em que foi acusado por Deus de ser "ciceroniano, não cristão", refletindo o conflito entre sua admiração pela retórica clássica e sua devoção religiosa [Greenblatt, 2012, p. 92]. Essa rejeição do saber pagão não era apenas pessoal, mas institucional. A destruição do Serapeu em Alexandria, em 391 d.C., sob a influência de fanáticos cristãos, resultou na perda de parte da lendária biblioteca da cidade, um símbolo do conhecimento antigo [Greenblatt, 2012, p. 97].

Paradoxalmente, as mesmas instituições que rejeitavam o paganismo se tornaram seus únicos guardiões. Durante a Idade Média, os mosteiros se estabeleceram como os principais centros de preservação e cópia de textos. Nos *scriptoria* monásticos, monges copiavam manuscritos em pergaminho, um material mais durável que o papiro, mas o faziam não por curiosidade intelectual, mas como um ato de disciplina espiritual e obediência [Greenblatt, 2012, p. 115]. O conteúdo dos textos era frequentemente irrelevante; o objetivo era a repetição mecânica e a glorificação de Deus. Contradições ou debates intelectuais eram desencorajados, e muitos textos pagãos foram apagados para dar lugar a escritos cristãos, criando os chamados palimpsestos. Um exemplo notável é um manuscrito de Lucrécio em Bobbio, sobreposto por evangelhos, que sobreviveu apenas por acaso [Greenblatt, 2012, p. 122]. Foi nesse ambiente de preservação desinteressada que fragmentos do pensamento antigo, incluindo o de Lucrécio, sobreviveram por um fio.

Huizinga nos mostra uma sociedade em plena exaustão cultural. Ele descreve a sociedade medieval como tão impregnada de um emocionalismo e simbolismo que os

rituais públicos serviam somente para reforçar a ortodoxia religiosa e limitar qualquer tipo de inovação intelectual. Havia uma dominação da imaginação do coletivo, com a arte e a literatura frequentemente centradas em temas de mortalidade e julgamento divino. Huizinga observa que:

A vida cotidiana oferecia um alcance ilimitado para atos de paixão ardente e imaginação infantil. Nossos historiadores medievais que preferem confiar o máximo possível em documentos oficiais porque as crônicas não são confiáveis, caem assim vítimas de um erro ocasionalmente perigoso. Os documentos nos dizem pouco sobre a diferença de tom que nos separa daqueles tempos; eles nos deixam esquecer o pathos fervoroso da vida medieval. [Huizinga, 1996, p. 14].

Essa visão destaca como a cultura medieval, com sua ênfase no sofrimento e na transcendência, contrastava com as idéias materialistas de Lucrecio, que seriam reintroduzidas pelo humanismo. A preservação de textos como *De Rerum Natura* nos mosteiros, embora acidental, foi crucial para sua eventual redescoberta, mas o ambiente cultural descrito por Huizinga ilustra por que tais textos permaneceram marginalizados até o surgimento de uma nova mentalidade intelectual.

2.2. O CAÇADOR DE LIVROS E O CONTEXTO HUMANISTA

O surgimento do humanismo na Itália do século XIV marcou uma virada decisiva no cenário intelectual europeu. Liderado por figuras como Francesco Petrarca, o movimento humanista gerou uma obsessão pela recuperação da cultura da Roma clássica, apesar da fé cristã de seus proponentes [Greenblatt, 2012, p. 128]. Os humanistas acreditavam que o estudo dos textos clássicos ou melhor dito: a *studia humanitatis* que abrangendo: língua, literatura, retórica e filosofia poderia cultivar a virtude cívica e uma compreensão mais profunda da experiência humana neste mundo, em vez de focar exclusivamente na salvação espiritual [Greenblatt, 2012, p. 135]. Essa visão contrastava diretamente com a cosmovisão medieval, que Huizinga descreve como saturada e cheia de obsessões [Huizinga, 1996, p. 156].

Um dos principais impulsionadores do humanismo foi Coluccio Salutati, chanceler de Florença, que promoveu ativamente a busca por manuscritos antigos e a educação baseada nos clássicos. Salutati via os textos da Antiguidade como uma fonte de sabedoria prática e moral, capaz de inspirar uma vida virtuosa e engajada civicamente [Greenblatt, 2012, p. 135]. Foi nesse ambiente de efervescência intelectual que Poggio Bracciolini emergiu como uma figura central.

Poggio, um escriba talentoso de origem humilde, tornou-se secretário apostólico na Cúria Romana, o centro administrativo do papado. Trabalhando para o controverso antipapa João XXIII durante o Grande Cisma do Ocidente (1378–1417), Poggio testemunhou de perto a corrupção e a hipocrisia que permeava a Igreja [Greenblatt, 2012, p. 12]. A deposição de João XXIII pelo Concílio de Constança em 1414 deixou Poggio desempregado e desiludido, mas também livre para perseguir sua paixão por livros antigos.

Essa crise pessoal transformou Poggio em um "caçador de livros", viajando pela Europa em busca de manuscritos perdidos. Ele via esses textos como "seres nobres aprisionados por monges ignorantes", uma metáfora que reflete sua visão do conhecimento clássico como uma força libertadora [Greenblatt, 2012, p. 38]. A crítica de Poggio à Igreja ecoa a análise de Huizinga sobre a Idade Média tardia, que ele descreve como marcada por uma crise espiritual disfarçada por rituais e hipocrisia clerical [Huizinga, 1996, p. 220]. Huizinga observa que:

A visão da morte dominava a imaginação com uma intensidade que mal podemos conceber hoje. Cada sermão, cada tratado moral, cada obra de arte lembrava as pessoas de sua mortalidade e da transitoriedade dos prazeres terrenos. [Huizinga, 1996, p. 156].

A cosmovisão medieval, com seu foco predominante na mortalidade e na salvação da alma, criava uma dissonância com a emergente valorização humanista da existência mundana e do conhecimento antigo. Essa tensão gerou um ambiente propício para a recuperação de textos como o de Lucrecio. Nesse sentido, a busca de Poggio transcendia a mera ambição individual, inserindo-se em uma corrente intelectual coletiva que visava recuperar a herança da antiguidade para forjar novas possibilidades para o futuro.

2.3. A VIRADA: AS IDEIAS RADICAIS DE *DE RERUM NATURA*

A busca de Poggio culminou em 1417, quando, no mosteiro de St. Gall, na atual Suíça, descobriu uma cópia completa de *De Rerum Natura* [Greenblatt, 2012, p. 38]. O poema de Lucrecio, escrito no século I a.C., era uma obra-prima filosófica baseada nos ensinamentos de Epicuro, apresentando uma visão de mundo materialista que desafiava diretamente a cosmovisão cristã medieval. Seus princípios centrais incluíam:

Os princípios centrais da filosofia de Lucrecio, que representavam uma bomba intelectual no contexto medieval, começam com o atomismo: o universo é composto exclusivamente por partículas invisíveis e indestrutíveis, os átomos, movendo-se aleatoriamente através de um espaço vazio infinito, sem nenhum criador ou arquiteto divino [Greenblatt, 2012, p. 185]. A criação dentro deste universo materialista é explicada pelo conceito do desvio (*clinamen*): a formação da matéria e, crucialmente, o livre-arbítrio humano, são possíveis por causa de um "desvio" mínimo e imprevisível na trajetória dos átomos, que introduz a contingência no universo [Greenblatt, 2012, p. 188]. De acordo com a visão do poeta romano Lucrecio, o universo se renova através de uma 'virada' uma sutil alteração de curso que força o surgimento do novo. É nessa colisão fortuita de moléculas que a vida floresce e, em uma mutação imprevista, uma nova espécie se manifesta. As implicações dessa cosmologia para a condição humana são igualmente radicais: os deuses existem, mas são indiferentes aos assuntos humanos, vivendo em um estado de perfeita tranquilidade, e a alma não é imortal, dissolvendo-se com a morte do corpo [Greenblatt, 2012, p. 199]. Dada essa realidade, o objetivo da vida se desloca do divino para o terrestre: o maior bem é a busca do prazer (*ataraxia*, ou tranquilidade e ausência de dor) e a eliminação do medo, especialmente o medo da morte e da ira divina [Greenblatt, 2012, p. 201].

Essas ideias eram profundamente subversivas em um contexto medieval dominado pela teologia cristã. A doutrina cristã enfatizava a criação divina, a providência, a imortalidade da alma e a promessa de recompensa ou punição eterna. Para os primeiros cristãos, o epicurismo era uma "ameaça nociva", e seus ensinamentos foram ativamente suprimidos e distorcidos [Greenblatt, 2012, p. 100]. A visão de Lucrecio de um universo sem propósito divino e centrado na experiência humana era incompatível com a cosmovisão medieval, que via a vida terrena como secundária à salvação espiritual.

Huizinga oferece uma visão complementar ao descrever o final da Idade Média como um período de emocionalismo público intenso e cultura de sofrimento. Ele observa que rituais como execuções públicas reforçavam o medo da danação, criando uma sociedade impregnada de ansiedade espiritual [Huizinga, 1996, p. 86]. A familiaridade

com o sagrado, muitas vezes beirando a irreverência, era um sinal tanto de fé profunda quanto de uma potencial profanação:

Essa familiaridade com as coisas sagradas é, por um lado, um sinal de fé profunda e ingênua; por outro, acarreta irreverência sempre que o contato mental com o infinito falha. A curiosidade, por mais ingênua que seja, leva à profanação. [Huizinga, 1996, p. 173].

Essa cultura do sofrimento, evidenciada nas execuções públicas, pode ser analisada através da ótica de Michel Foucault em *Vigiar e Punir*. Para Foucault, a execução pública, ou o suplício, não era apenas um ato de justiça, mas um ritual político destinado a manifestar o poder ilimitado do soberano [Foucault, 1977, p. 49]. O corpo do condenado tornava-se o palco onde o poder se inscrevia de forma visível e aterrorizante. O objetivo não era simplesmente punir, mas restaurar a soberania ferida através de um espetáculo de excesso. A execução de Damiens em 1757, descrita em detalhe por Foucault, exemplifica essa "arte das sensações insuportáveis" [Foucault, 1977, p. 3], onde cada etapa do desmembramento era uma cerimônia pública. Essa "tecnologia" do poder, centrada na aniquilação pública do corpo, reforçava a mesma lógica de medo que Huizinga descreve, criando uma ficção compartilhada de poder absoluto, contra a qual a filosofia de Lucrécio, com sua ênfase na autonomia do indivíduo e na santidade do corpo livre da dor, emergiria como uma contra-narrativa profundamente subversiva.

A redescoberta de *De Rerum Natura* por Poggio, portanto, não foi apenas a recuperação de um texto perdido, mas a reintrodução de uma visão de mundo que desafiava diretamente os pilares da sociedade medieval. As ideias de Lucrécio sobre a mortalidade da alma e a busca pela felicidade terrena ofereciam uma alternativa radical à cultura de medo e sofrimento descrita por Huizinga, preparando o terreno para a transformação intelectual do Renascimento.

2.4. O IMPACTO DA REDESCOBERTA E O ADVENTO DA MODERNIDADE

A redescoberta de *De Rerum Natura* por Poggio Bracciolini não provocou uma revolução imediata, mas suas ideias se infiltraram gradualmente na cultura renascentista, desencadeando "viradas" em múltiplos campos: arte, política, ciência e filosofia. Essa seção explora como as ideias de Lucrécio influenciaram o humanismo e moldaram o caminho para a modernidade.

2.4.1. Impacto na Arte

Na arte, a redescoberta de Lucrécio inspirou uma mudança significativa na representação da experiência humana. Durante a Idade Média, a arte era predominantemente hierática, com imagens religiosas destinadas a reforçar a doutrina cristã e a devoção espiritual. Huizinga descreve essa arte como "símbolos petrificados" e formalismo exagerado, onde cada elemento apontava para o divino, negligenciando a beleza terrena [Huizinga, 1996, p. 234]. A poesia de Lucrécio, com sua celebração da natureza e da experiência sensorial, ofereceu uma alternativa que ressoou com os humanistas. Obras como a *Primavera* de Botticelli, com sua ênfase na beleza natural e mitológica, refletem diretamente a influência epicurista de valorização do mundo material [Greenblatt, 2012, p. 235]. Essa mudança marcou uma ruptura com a arte medieval, que Huizinga caracteriza como:

O declínio do simbolismo no final da Idade Média reflete uma cultura que esgotou sua vitalidade imaginativa, apegando-se a formas rígidas enquanto ansiava por uma nova expressão. [Huizinga, 1996, p. 234].

O humanismo, inspirado por textos como *De Rerum Natura*, reintroduziu a apreciação da forma humana e da natureza, pavimentando o caminho para o naturalismo renascentista. Artistas como Leonardo da Vinci e Michelangelo, embora não diretamente ligados a Lucrecio, foram influenciados pelo espírito humanista que valorizava a observação empírica e a beleza terrena, ecos de princípios epicuristas.

2.4.2. Impacto no Pensamento Social e Político

No campo social e político, as ideias de Lucrecio inspiraram visões inovadoras de organização social. Thomas More, em sua obra *Utopia* (1516), imaginou uma sociedade ideal baseada em princípios de bem-estar coletivo, saúde pública, jornada de trabalho reduzida e tolerância religiosa. Embora More mantivesse a crença na providência divina, sua ênfase no prazer racional e na felicidade terrena reflete a influência epicurista mediada pelo humanismo [Greenblatt, 2012, p. 243]. O próprio Poggio Bracciolini contribuiu para esse movimento com suas obras satíricas, como *Facetiae* e *Contra os Hipócritas*, que criticavam a corrupção da Igreja e defendiam um ideal de debate aberto, desafiando o monopólio da verdade eclesiástica.

Para entender o impacto das ideias humanistas, é crucial considerar o cenário descrito por Huizinga: uma Idade Média tardia onde a Igreja exercia um controle sufocante sobre o discurso intelectual e exibia distorções morais, notavelmente em sua abordagem da morte. A crítica mordaz de Poggio à corrupção clerical pode ser lida como uma reação direta a essa repressão. De maneira similar, a visão de More para *Utopia*, embora com suas próprias contradições, reflete um anseio por transcender as limitações medievais, alinhando-se com a busca epicurista pela paz de espírito e pela eliminação do medo.

2.4.3. Impacto na Ciência

Na ciência, o atomismo de Lucrecio teve um impacto profundo, embora inicialmente perigoso. A ideia de que o universo era composto de átomos movendo-se em um vazio infinito desafiava a cosmologia aristotélica-ptolomaica, que dominava o pensamento medieval sob a chancela da Igreja. Giordano Bruno, um filósofo renascentista, foi influenciado por Lucrecio ao defender a ideia de um universo infinito com múltiplos mundos, uma visão que o levou à fogueira em 1600 [Greenblatt, 2012, p. 250]. Da mesma forma, as teorias de Galileu Galilei sobre a unidade das leis físicas na Terra e nos céus, e sua crença em "mínimas partículas", ecoavam o atomismo lucreciano, colocando-o em conflito com a Inquisição [Greenblatt, 2012, p. 259].

Apesar da repressão, as ideias de Lucrecio se tornaram indispensáveis para o avanço científico. No século XVII, figuras como Isaac Newton incorporaram princípios atomistas em suas teorias sobre a matéria e o movimento, enquanto no século XIX, Charles Darwin utilizou uma visão materialista para desenvolver a teoria da evolução. Huizinga complementa essa análise ao destacar como a cultura medieval, com sua "desgosto com o material" [Huizinga, 1996, p. 249], resistia a ideias que valorizassem o mundo físico. A redescoberta de Lucrecio, portanto, ofereceu uma alternativa radical que permitiu aos pensadores renascentistas questionarem a ortodoxia e abraçarem a observação empírica. A "virada" de Lucrecio, ao reintroduzir o atomismo e o materialismo, forneceu o fermento intelectual necessário para superar essas limitações e impulsionar a Revolução Científica.

2.4.4. Comparação com Huizinga: A Transição do Medieval ao Moderno

A integração da perspectiva de Huizinga é essencial para entender o impacto da redescoberta de Lucrecio. Enquanto Greenblatt enfatiza a ruptura provocada pela reintrodução das ideias epicuristas, Huizinga oferece uma análise detalhada da cultura medieval tardia como um sistema exaurido, incapaz de sustentar sua própria vitalidade. O humanismo, impulsionado pela redescoberta de textos como *De Rerum Natura*, ofereceu uma alternativa vital a essa cultura estagnada. Ao oferecer uma base filosófica para questionar a autoridade da Igreja e valorizar a agência humana, a visão de mundo materialista de Lucrecio, que nega a imortalidade da alma e a providência divina, tornou-se fundamental para o movimento humanista. Suas ideias representavam um contraponto direto à cultura tardo-medieval, marcada pela obsessão com a morte e por uma intensa emotividade, conforme analisado por Huizinga. Essa transformação intelectual não se configurou como uma fratura súbita, mas como uma evolução orgânica em resposta à estagnação cultural da época, o que possibilitou a emergência de paradigmas inovadores nas esferas artística, científica e política. A comparação entre Greenblatt e Huizinga revela que o humanismo foi tanto um produto de sua época quanto um catalisador para a modernidade. Juntos, esses autores ilustram como a "virada" de 1417 foi um momento pivotal que marcou a transição de uma cosmovisão teocêntrica para uma visão centrada na razão e na experiência humana.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada de *De Rerum Natura*, de sua quase extinção à sua redescoberta por Poggio Bracciolini em 1417, ilustra a fragilidade e a persistência do conhecimento humano. O resgate deste único manuscrito foi mais do que um achado bibliográfico; foi a reintrodução de uma maneira radicalmente diferente de ver o mundo, que se tornou um pilar para a modernidade. As ideias de Lucrecio, aquelas de um universo sem desígnio divino, da importância da razão sobre o medo e da busca da felicidade como um fim em si mesma com certeza ajudaram a moldar o Renascimento, a alimentar a revolução científica e a inspirar os ideais do iluminismo. Ao desafiar a ortodoxia medieval e colocar a experiência humana no centro do inquérito intelectual, a "virada" de Poggio não apenas recuperou um texto perdido, mas reacendeu os valores humanistas de questionamento, observação e coragem intelectual que definem o mundo moderno. A comparação com Huizinga reforça que o humanismo emergiu como uma resposta à crise emocional e política medieval, transformando uma cultura de medo e sofrimento em uma de beleza e razão.

Mas o que essa jornada histórica nos diz sobre o propósito das humanidades hoje? Ela demonstra que estudamos as humanidades para compreender as próprias "ficções compartilhadas" que definem nossa existência. A história de Lucrecio é o exemplo máximo de como uma única narrativa redescoberta pode reconfigurar o que significa ser humano. É aqui que a distinção de Tim Ingold se torna crucial. A luta entre a cosmovisão medieval e a filosofia epicurista não foi apenas um debate de ideias abstratas; foi um conflito sobre como construir a "condição humana" [Ingold, 2004 p. 11]. A primeira era baseada na transcendência e no medo; a segunda, na imanência e na tranquilidade. A busca de Poggio não foi apenas por um livro, mas por uma forma alternativa de ser.

As humanidades, portanto, são o campo dedicado a examinar criticamente essas construções. Elas nos ensinam que nossas realidades: nossas éticas, políticas e valores não são dadas, mas sim criadas, contestadas e transformadas por meio de narrativas. A relevância desse estudo vai além da história intelectual; serve como um lembrete do poder transformador das ideias e da fragilidade do conhecimento em face da censura e da negligência. Em um mundo contemporâneo onde a preservação do conhecimento enfrenta novos desafios, como a desinformação digital e a polarização ideológica, a tarefa das humanidades, de analisar, contextualizar e questionar as narrativas que nos moldam, permanece mais essencial do que nunca. Sugestões para pesquisas futuras incluem explorar paralelos contemporâneos, como o impacto de redescobertas digitais e seu potencial para provocar novas "viradas" culturais que irão, por sua vez, moldar a condição humana do futuro.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Discipline and Punish: The Birth of the Prison**. New York: Pantheon Books, 1977.

GREENBLATT, Stephen. **The Swerve: How the World Became Modern**. New York: W. W. Norton & Company, 2011.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: A Brief History of Humankind**. New York: Harper, 2015.

HUIZINGA, Johan. **The Autumn of the Middle Ages**. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

INGOLD, Tim. **"Humanidade e Animalidade"**. Textos para Discussão. IFCH-Unicamp, 2004.